

Rosa dos ventos

MAURICIO DIAS



Não sou pombo-correio para andar com tornozeleira.

(Recado de Lula sobre a proposta de trocar a prisão, em Curitiba, pela prisão domiciliar, em São Bernardo)

Lula e a prisão sem crime

► **A libertação de José Dirceu pela segunda turma do STF mostra haver um caminho para acabar com a prepotência do inquisidor Sergio Moro**

O tempo urge, mas ainda há sobra para libertar o ex-presidente Lula, figura fundamental no julgamento que o eleitor fará, em outubro, nas eleições presidenciais. Este é o julgamento mais importante do que qualquer outro. É a voz povo. Quem perder perdeu.

Execrado e odiado pelos golpistas, o petista é o único líder político do Oiapoque ao Chuí. Mas é também um cidadão brasileiro como todos os outros. É, entretanto, um preso sem crime.

Lula apaixonou-se pelo povo. O povo apaixonou-se por Lula. Talvez seja ele o único político em condições de pacificar o País.

Embora um tanto atrasado, o Supremo Tribunal Federal, com a liberdade dada agora a José Dirceu, abriu um caminho destinado a acabar com o autoritarismo do juiz Sergio Moro, encoberto até agora, como se sabe, pela Operação Lava Jato. Tudo feito em conluio com procuradores e policiais federais.

É inesquecível a escrachada e covarde viagem da prisão coercitiva de Lula. O mundo gira. A proposta de libertar Dirceu partiu do ministro Dias Toffoli, que foi apoiado pelos ministros Gilmar Mendes e Ricardo Lewandowski. Edson Fachin foi contra.

Recentemente o ministro Marco Aurélio Mello declarou que a prisão do ex-presidente Lula viola a Constituição brasileira. “O processo, para mim, não tem capa, tem unicamente conteúdo”, afirmou o ministro. E explicou: a prisão viola o princípio da presunção de inocência tratado no artigo 5º da Constituição, que orienta o trânsito em julgado da sentença. “Eu não concebo (...) tendo em conta a minha formação jurídica (...) essa espécie de execução”, destacou.

A trajetória do advogado Edson Fachin é surpreendente diante da trajetória do ministro do STF. Foi indicado pela presidenta Dilma Rousseff para substituir o ex-ministro Joaquim Barbosa. Sofreu resistência dos senadores conservadores pela simples razão de ter defendido a eleição da petista em 2014.

OPT, Lula e Dilma usaram o dedo errado para escolher os candidatos ao Supremo. Não para obedecer, e sim para impedir a prevalência conservadora no STF. Nosso Supremo é uma corte política. Os militares, com a deposição de Jango, perceberam e cortaram a cabeça de três dissidentes: Victor Nunes Leal, indicado por Juscelino Kubitschek, e Evandro Lins e Silva e Hermes Lima, indicados por João Goulart.

Resta aos petistas suportar por ora a voz manhosa e entediante de Edson Fachin. •



O povo o quer de volta



Provável: neste cenário, só PT e MDB acima de 15% de deputados

Partidos e candidatos

A Câmara, como se sabe, é composta de 513 deputados. Há cálculos de que a eleição é disputada por quase 35 partidos com registro no Tribunal Superior Eleitoral. Esse esmagamento do eleitor, independentemente do fracasso de muitas siglas, vai ter reflexo no Parlamento e, no caso da Câmara, dificultar a formação das bancadas.

O PT e o MDB, neste caso, podem ser os únicos a alcançar mais de 15% de deputados.

A mídia e o voto em Lula

Há quem se regozije com a queda de Lula, quando se trata de medição do voto espontâneo. Esse sinal é mostrado, até agora, por todos os institutos de pesquisa.

Comemoram em silêncio. Incertos, não batem panelas.

Em uma das sondagens, Jair Bolsonaro obteve 12% dos votos, em São Paulo, contra 10% de Lula. Essa situação ocorreria como reação dos paulistas à frágil intenção de voto em Geraldo Alckmin e consistência do voto no petista.

Esta pequena vantagem sobre Lula, no processo de escolha espontânea, é resultado da tarefa rotineira da mídia conservadora de negar que ele não será candidato. Há pesquisas em que, sem Lula, caem para mais de 30% os eleitores “sem candidato”.

Vai de carro ou a pé?

Márcio França, em busca da vitória para continuar a governar São Paulo, anunciou a triplicação de verba para asfaltar ruas de dezenas de

municípios do estado. Por outro lado, a prefeitura da capital paulista, dirigida por Bruno Covas, mas sob controle político de João Doria Junior, outro postulante ao poder, promete padronizar as calçadas da cidade.

Curiosa opção para o eleitor: vai de carro com França ou a pé com Doria?

Os Maia

A crise econômica no Rio de Janeiro pode abrir, no futuro, um fosso entre o vereador Cesar Maia e o deputado Rodrigo Maia. Sob protestos dos servidores, a Câmara de Vereadores aprovou taxa de 11% nos inativos e pensionistas da prefeitura que recebem acima do teto do INSS.

Cesar, voto vencido, denuncia que o arrocho é “um massacre para o resto da vida” no serviço público. Rodrigo possivelmente voltará à Câmara no próximo ano e, talvez com o poder de presidente da Casa, vai carregar o peso do confronto para os aposentados do País.

Vai acompanhar o pai e, até lá, mentor político?

Mau hábito

Há muito os habitantes de Brasília se acostumaram a identificar e resumir o tempo de trabalho dos políticos a três dias. É a “Semana TQQ”. Ou seja, Terça, Quarta e Quinta.

Olhar para o Congresso e pensar na fuga de parlamentares quase faz perder a fé na democracia.

Intervalo

É volumoso o número dos eleitores que, nas pesquisas de qualidade, vacilam ao afirmar o nome do candidato já escolhido.

São identificados como os “sem-candidato”. Estes, hoje, chegam a quase 40%. Após a Copa do Mundo, o cenário começará a se definir. É o que se espera.

mauriciodias@cartacapital.com.br